

Índios mantêm rodovias bloqueadas há quatro dias

Caminhoneiros formam fila na esperança de que os acessos sejam abertos, enquanto empresas começam a contabilizar os prejuízos

Pato Branco – Dezenas de caminhoneiros formaram fila na BR-373, na manhã de ontem, no sentido Guarapuava-Pato Branco, na esperança de que os índios caingangues e guaranis desbloqueassem a rodovia. Mas a decisão do cacique Valdir José dos Santos e de outros líderes indígenas, que vieram para a reserva de Mangueirinha apoiar o movimento, é de manter a rodovia, assim como a PR-281, trancadas até a Funai atender seus pedidos.

Os índios exigem o pagamento das dívidas da reserva, acumuladas nos últimos três anos, que chega a R\$ 70 mil, além do cumprimento de acordos previamente assinados. A interdição das estradas começou na manhã de segunda-feira e deve continuar hoje. De acordo com o cacique Valdir, ontem, os caminhoneiros deram prazo até o próximo sábado para liberarem as vias, caso contrário poderá haver conflitos. A 6.ª Companhia de Polícia Rodoviária Estadual, que mantém patrulheiros no local, garantirá a manutenção da ordem e agirá contra qualquer indício de violência.

Sem previsão

Na Funai de Guarapuava, o responsável pela área de Mangueirinha, o administrador substituto João Roso de Menezes, não tem previsão para o final do impasse. De acordo com o indigenista, os índios exigem a presença do presidente da Funai, só que ainda não foi possível marcar uma audiência para debater o assunto. "Sabemos do transtorno para a comunidade da região, mas os índios também têm razão na reivindicação. Portanto, a situação é muito delicada", resume. O escritório de Guarapuava trabalha no caso, tentando acertar a reunião entre os caingangues e o presidente da Funai, há três dias.

Sobre uma possível ação poli-

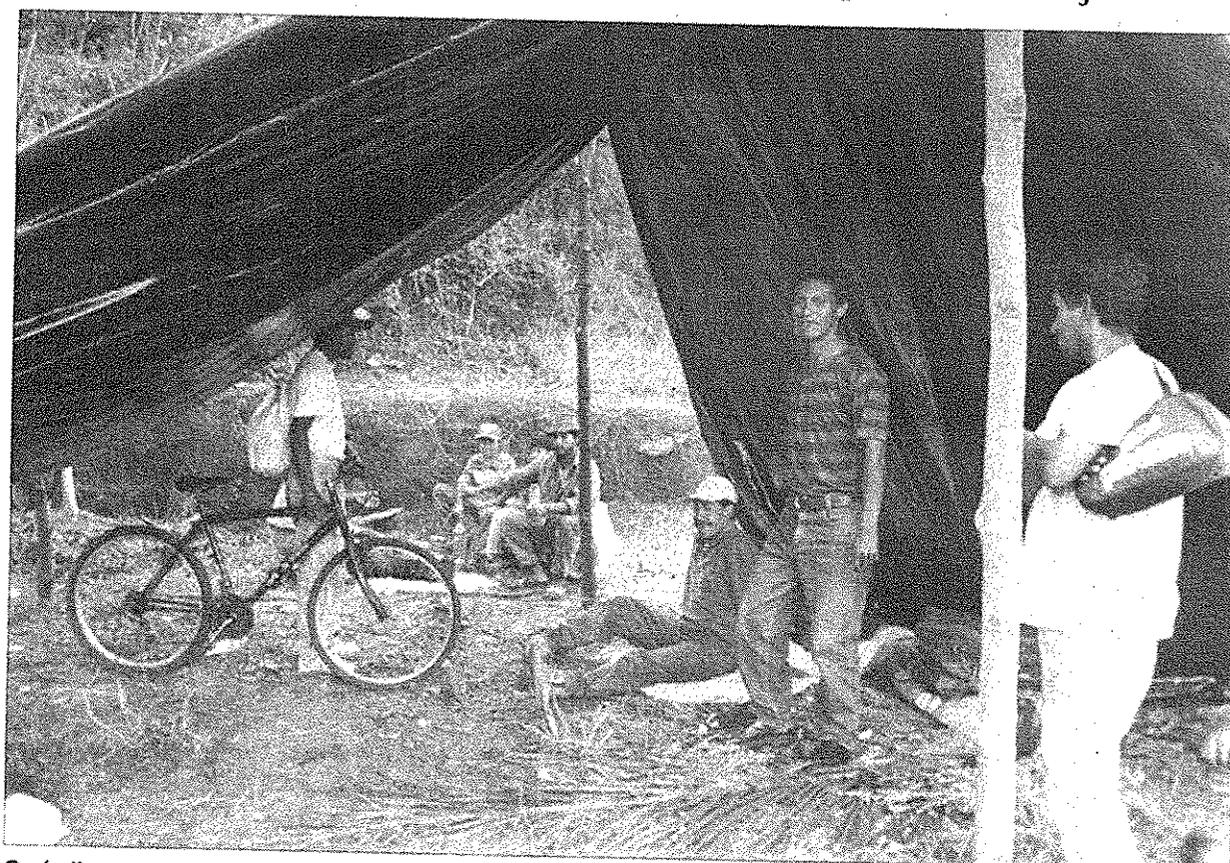
cial para liberar a rodovia, o comandante interino do 3.º BPM, responsável pela Polícia Militar no Sudoeste, major Esaú Borges Sampaio, aguarda ordens superiores para agir no local, uma vez que as comunidades indígenas são tuteladas pelo governo federal. "É uma nação dentro da nação brasileira", lembra. Para que haja qualquer interferência policial deve haver um entendimento entre os responsáveis pela segurança nas esferas estadual e federal.

Prejuízos

A Região Sudoeste já conta os prejuízos e transtornos do bloqueio nas rodovias BR-373 e PR-281. Na empresa Princesa dos Campos, que faz a ligação com Guarapuava e Ponta Grossa em toda a região, dois horários foram cortados e outros oito, incluindo os que têm como destino Curitiba e São Paulo, estão sendo desviados por Laranjeiras do Sul, o que aumenta o tempo de viagem em duas horas e meia. O vendedor de passagens, Leandro Zibetti, diz que o movimento de passageiros caiu em 40% desde a segunda-feira.

Na Cantu Verduras, que transporta e distribui frutas e verduras para o Sudoeste e Oeste de Santa Catarina, a situação também é de revolta. Os caminhões que vêm de outros estados chegam ao bloqueio e são obrigados a dar a volta, o que onera a empresa em cerca de R\$ 40,00 por cargueiro. O pior, segundo o responsável pelo setor de compras e transporte, Alceu Ambrósio, é que a entrega está atrasando e é praticamente impossível cumprir com as datas nos supermercados.

O escoamento da safra de soja também fica prejudicado com o fechamento, pois o caminho alternativo, por Laranjeiras do Sul, aumenta os custos e tempo de viagem.



Os índios estão acampados em barracas de lona, no trevo de Chopinzinho, na BR-281, desde segunda-feira.

No Pará, tribo Xicrin libera acesso a minas

Os cerca de 300 índios da tribo Xicrin, da aldeia Cateté, liberaram, no início da tarde de ontem, a estrada que dá acesso às minas de ouro e manganês da Companhia Vale do Rio Doce, na Serra dos Carajás, no Sul do Pará. A estrada estava bloqueada desde segunda-feira. Os índios estavam impedindo o acesso de caminhões, exigindo o cumprimento de um acordo fechado no final do ano passado com órgãos públicos e entidades civis. Pelo que ficou acertado, a Vale, o Instituto Sócio-Ambiental (ISA), a Fundação Nacional do Índio (Funai) e o

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) deveriam implantar um programa de manejo sustentado de madeira dentro da reserva indígena.

De acordo com o engenheiro das áreas de Meio Ambiente e Relações Externas da Vale, em Carajás, Antônio Carlos de Lima Venâncio, as reivindicações dos índios serão atendidas. Um acordo será firmado hoje entre Vale, ISA e Funai, com caciques da tribo Xicrin, definindo o esquema de trabalho. Os índios também serão beneficiados por um

projeto agrícola para geração de alimentos nas aldeias. Para este ano, o projeto de manejo já tem garantidos R\$ 300 mil. Quanto ao programa agrícola, ele informou que a Vale irá levantar o custo e contratar uma empresa para implantá-lo.

Durante os dois dias de bloqueio da estrada, a Vale não paralisou o trabalho nas minas, mas seus pátios ficaram lotados de minérios, que não puderam ser embarcados. Cerca de cem caminhões e seus motoristas ficaram retidos na rodovia pelos índios durante 48 horas e sob a mira constante de flechas e bordunas.